



REVISTA DEL ÁREA DE CIENCIAS SOCIALES DEL CIFYH

ISSN 2618-4281 / Nº 8 - Año 2021 / revistas.unc.edu.ar/index.php/etcetera/

#ENSAYANDO

Cultura do cancelamento: primeiras aproximações

Dra. Teresa Mary Pires de Castro Melo
teresamelo@ufscar.br

Universidade Federal de São Carlos
Departamento de Ciências Humanas e Educação
São Paulo – Brasil

Eduardo Gomes Vasques
eduardovasques@estudante.ufscar.br

Universidade Federal de São Carlos
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana
São Paulo – Brasil

CORRECCIÓN LITERARIA
Conceição Coutinho Melo

Recibido: 12 de abril de 2021 / Aprobado para publicación: 14 de mayo de 2021



Copyright © 2018 Etcétera. Revista del Área de Ciencias Sociales del CIFYH está bajo una Licencia Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0 Internacional.

Resumo

No fim do ano de 2019 o termo “cultura do cancelamento” foi eleito como o mais relevante pelo Dicionário Macquarie, que anualmente seleciona palavras e expressões que definem, revelam ou evidenciam o comportamento humano no período, dando mais fôlego e vigor ao objeto. Este artigo tem como objetivo apresentar uma primeira aproximação em torno do que é hoje denominada “cultura do cancelamento”. O fenômeno, com esta denominação, é relativamente novo nas redes sociais digitais, tem afetado especialmente figuras públicas na contemporaneidade e começa a atingir a rotina de cidadãos comuns. Este trabalho utilizou consultas a uma base teórica que dão um aporte a uma observação especialmente de dois casos, além de dados coletados em plataformas de redes sociais digitais e veículos de imprensa. Vamos analisar, nesta pesquisa exploratória, dois casos recentes de J.K. Rowling, autora inglesa consagrada da saga do jovem bruxo Harry Potter e a história de Emmanuel Cafferty, um simples operário filho de migrantes mexicanos residente na Califórnia, Estados Unidos, tentando identificar características próprias.

Palavras-chave

Cultura do Cancelamento, Mídias Digitais, Redes Sociais Digitais

Abstract

At the end of 2019, the term “cancellation culture” was chosen as the most relevant by the Macquarie Dictionary, which annually selects words and expressions that define, reveal or evidence human behavior in the period, giving the object more breath and vigor. This article aims to present a first approach around what is today called “cancellation culture”. The phenomenon, with that denomination, which is relatively new in digital social networks, has especially affected public figures in the contemporary world and is beginning to affect the routine of ordinary citizens. This work used consultations to a theoretical basis that contribute to an observation especially of two cases, in addition to data collected on digital social media platforms and press vehicles. We will analyze, in this exploratory research, two recent cases of J.K. Rowling, English author consecrated in the saga of the young wizard Harry Potter and the story of Emmanuel Cafferty, a simple worker son of Mexican migrants residing in California, United States, trying to identify his own characteristics.

Keywords

Cancellation Culture, Digital Media, Digital Social Networks



Cultura do cancelamento: primeiras aproximações

TERESA MARY PIRES DE CASTRO MELO
EDUARDO GOMES VASQUES

Introdução

O entendimento do crescimento exponencial do acesso e utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) coloca luz sobre a maneira como os indivíduos constituem suas subjetividades e se colocam no e para o mundo. O digital impõe uma reorganização das configurações sociais, políticas, econômicas. A adoção dessas novas tecnologias interativas atualiza constantemente a maneira como fazemos uso delas.

Na era farmacopornográfica (Preciado, 2018 [2008]), da sociedade do espetáculo (Debord, 2007 [1967]) ou ainda da transparência (Han, 2017), a forma como nos apropriamos dessas novas mídias desempenha papel fundamental na discussão da condição e das relações humanas. Um momento de redescoberta do ser e das identidades em um mundo de fluxos acelerados. As relações sociais nessas plataformas vêm provocando um processo de quebra de paradigmas em muitos campos do viver, do econômico ao amoroso. Como consequência, estamos assistindo a uma ressignificação da esfera pública e a uma reforma sobre a noção do privado. Uma espécie de extimidade (Sibilia, 2016).

O alcance e adoção –ou penetração e densidade– das plataformas digitais, embora sigam desiguais no Brasil e no mundo, são determinantes para consolidar novos pilares e concepções sobre crenças, hábitos, ética e valores morais. De acordo com relatório anual, mais de 4,6 bilhões de pessoas no mundo usam a internet e cerca de 4,2 bilhões de indivíduos consomem mídias sociais ativamente



(91%). Já no Brasil, estes números chegam a 160 milhões de usuários da web (75% da população) e 150 milhões de usuários de redes sociais digitais, 70,3% da população (We Are Social and Hootsuite, 2021).

Para além dos números, essa presença nas redes não se dá em um patamar “virtual”, mas, para De Certeau (2014 [1979]), passa a ser parte da cultura do cotidiano. O historiador postula que o consumidor não pode ser qualificado a partir dos produtos que consome, mas que entre o produto e o consumidor há um distanciamento que se define pelo uso que este faz daquele (p. 90). E esse novo modo de viver que passa a fazer parte da nossa cultura do cotidiano é fundamental na arena pública (agora expandida em tempo e espaço). Tal circunstância traz ao nosso cotidiano exatamente as potencialidades e misérias da condição humana, assim como nas relações pré-digitais. Dentre as misérias, podemos elencar a criação de um ambiente de intolerância e radicalismos, insultos, intimidação e até mesmo assédio. É sobre um aspecto dessa sociabilização em rede que vamos elaborar uma primeira aproximação do tema “cancelamento”.

Comportamentos à flor da pele

Podemos admitir que o tema em si não é novo. Já no início da popularização da web, em 1999, surgiam os primeiros estudos sobre os novos desafios colocados para a sociedade –com a disseminação do ódio on-line–, sem que os indivíduos tivessem o controle sobre o fluxo de informações que produziam ou compartilhavam (Ziccardi, 2016).

É de longa data a preocupação com as interações e sociabilidade em rede. Vemos nascer e se fortalecer sentimentos antagonistas que resvalam ou se concentram –em boa parte dos casos– em dilemas éticos e morais. Questões filosóficas e lutas sociais construídas ao longo de séculos, encontram lugar na vida rotineira, criando e amplificando novos conflitos. Atuando como moduladores de comportamento (Lanier, 2018) as redes sociais digitais e seus algoritmos acabam por propagar –e talvez até incentivar– modalidades opressivas e de controle do discurso.

Uma visão binária do mundo é um terreno fértil para o ativismo que pode se configurar como inquisitorial, desconectado com a luta por equidade e inclusão. Ao contrário, é a popularização do famoso “boicote” que, no diagnóstico da época que vivemos, vem sendo rotulado de “cultura do cancelamento”. A tentativa de ajustar condutas inadequadas por supostas transgressões sociais alimenta esse fenômeno. Dos julgamentos abertos em espaços físicos e tempo delimitados, passamos a enfrentar um novo tipo de foro, formado por juízos desterritorializados e atemporais. São arbítrios formatados a partir de redes sociais digitais mediadoras de discurso e conduta. Atitudes distantes do potencial das redes de indignação e esperança (Castells, 2012) como meios de transformação social e reivindicações conectadas com as preocupações dos indivíduos na experiência humana.

A lista dos “cancelados” (Dicionário Online de Português, 2021) isto é, de sujeitos populares submetidos ao constrangimento público e à pressão coletiva nos meios digitais parece crescer a cada ano. Há uma tendência pela exposição massiva ou representatividade social que se concentre em símbolos notáveis, em suas respectivas áreas. Um ponto de inflexão é que os casos de humilhações públicas vêm atingindo também pessoas sem qualquer notabilização.

É possível analisar os eventos a partir da ótica da dissonância cognitiva, da desindividualização dos sujeitos ou até mesmo do aspecto bastante contestado da loucura coletiva na psicologia das multidões (Le Bon, 1895). O que muda, porém, são os termos e as condições sobre as quais a exploração acontece, bem como as formas de sua definição. Ainda que o conceito de *flaming* (Aranha, 2011) expandido por O’Sullivan e Flanagin (2003), descreva as discussões acaloradas na web –para o primeiro autor– e represente interações hostis de todos os tipos findando em desrespeitos morais parciais com o objetivo de promover linchamento pessoal para os demais, há uma zona cinzenta sobre uma definição conceitual precisa. Há até pontos de interseção com o já bastante retratado *bullying* ou *cyberbullying* numa versão atualizada nomeada de *neocyberbullying*.

Essas ondas de incentivo à suspensão dos indivíduos vêm se consolidando e estão produzindo resultados inquietantes, com efeitos nos planos pessoais, emocionais e profissionais. Discordância e troca embasadas em argumentações tomaram outra intensidade, criando possibilidades distintas de análise, sobre o

limiar entre as críticas como protestos legítimos e as retaliações ou deslegitimação de falas dissidentes.

A “cultura do cancelamento”

Muitos termos novos (ou antigos ressignificados) têm sido adotados para se referir a fenômenos do tipo na internet. Por que haveria a necessidade de criação de um conceito tão forte como o de “cultura do cancelamento”? No fim do ano de 2019 a expressão “cultura do cancelamento” foi eleita a mais relevante pelo *Dicionário Macquarie*, que anualmente seleciona palavras e expressões que definem, revelam ou evidenciam o comportamento humano no período. Além da consulta a especialistas como linguistas, pesquisadores e teóricos de diversos campos, a escolha também passa pelo crivo popular, por meio de votação aberta. O dicionário aponta a cultura do cancelamento como “um termo que captura um aspecto importante do estilo de vida deste ano. Uma atitude tão persuasiva que ganhou seu próprio nome e se tornou, para o bem ou para o mal, uma força poderosa” (Macquarie Dictionary, 2019).¹

6

Austin Michael Hooks (2020) remonta à exibição pública dos sofistas (*epideixes*), com a finalidade de se tornarem conhecidos, propagarem suas ideias e angariarem novos alunos. Essa prática, atualizada com as ferramentas digitais, torna expostas as figuras públicas (na maioria das vezes), alvos de interações com outros usuários da internet. Diferente do “doxing”, que necessita de uma pesquisa de dados privados, esta exibição voluntária e sua reação “é apenas uma extensão digital dos processos que usamos para atribuir valor e recompensar/punir certos comportamentos” (p. 14).² O autor cita Richards (1997) que considera esses espaços “Um campo de batalha para sistemas de valores culturais, políticos e científicos concorrentes” (Hooks, 2020: 14).³

¹ Traducción libre del original: “A term that captures an important aspect of the past year’s Zeitgeist...an attitude which is so pervasive that it now has a name, society’s cancel culture has become, for better or worse, a powerful force”.

² Traducción libre del original: “It is merely a digital extension of the processes we use to assign value and reward/ punish certain behaviors”.

³ Traducción libre del original: “a battleground for competing cultural, political, and scientific value systems”.



Pippa Norris (2020) también utiliza o termo “batalha” para analisar o fenômeno nas universidades: “Batalhas acaloradas sobre a chamada ‘cultura de cancelamento’ nos campi universitários tem sido intensificada pelas recentes controvérsias em torno de questões de racismo e etnia, assédio sexual e misoginia, identidades de gênero não binárias e transfobia” (p. 3).⁴ O autor analisa as características da cultura do cancelamento:

O conceito de "cultura de cancelamento" pode ser definido amplamente como tentativa de condenar alguém ao ostracismo por violar as normas sociais. A noção também foi entendida de forma mais restrita como “A prática de retirar o apoio a (ou cancelar) figuras públicas e empresas após terem feito ou dito algo considerado questionável ou ofensivo.” Esta prática é análoga à tática de boicotes do consumidor, retirando o apoio a marcas e corporações consideradas antiéticas, uma forma comum de ativismo político. A estratégia de cancelamento normalmente usa a mídia social para envergonhar os indivíduos com a intenção de aplicar penalidades com diferentes graus de severidade, que vão desde limitar o acesso a plataformas públicas ao prejuízo de reputações e encerramento de carreiras, instigando processos legais (p. 3).⁵

Não há certezas em relação ao surgimento da expressão cultura do cancelamento. A primeira grande demonstração do potencial desse tipo de iniciativa, que se tornou patente e se tornou emblemática é o da diretora de comunicações corporativas da IAC/InterActiveCorp, Justine Sacco. Em dezembro de 2013, ela usou o Twitter para divulgar a mensagem: “Indo para a África. Espero não pegar aids. Brincadeira. Sou branca!”. A publicação foi considerada racista e, rapidamente, ganhou escala gigantesca com proporções globais. Ao longo das 11 horas seguintes, a executiva foi massacrada por usuários de internet ao redor do mundo. Sacco só se deu conta do estrago quando desembarcou. Em resumo: foi

⁴ Traducción libre del original: “Heated battles about the so-called ‘cancel culture’ on college campuses have been intensified by recent controversies surrounding issues of racism and ethnicity, sexual harassment and misogyny, non-binary gender identities and transphobia”.

⁵ Traducción libre del original: “The concept of a ‘cancel culture’ can be defined broadly as attempts to ostracize someone for violating social norms. The notion has also been understood more narrowly as ‘the practice of withdrawing support for (or canceling) public figures and companies after they have done or said something considered objectionable or offensive’. This practice is analogous to the tactic of consumer-boycotts withdrawing support for perceived unethical brands and corporations, a common form of political activism. The cancelling strategy typically uses social media to shame individuals with the intention of exerting penalties with different degrees of severity, ranging from limiting access to public platforms, damaging reputations, and ending careers to instigating legal prosecutions”.

demitida do emprego e “apagada”, como conta Jon Ronson (2020), em *Humilhado: Como a era da internet mudou o julgamento público*. Até hoje, muito tempo depois, a procura pelo nome de Justine Sacco em mecanismos de busca traz a mensagem em seus primeiros resultados.

Outro marco importante para a adoção acentuada do termo parece ter surgido quase como um padrão em reportagens da grande imprensa após as manifestações, em 2017, do movimento *#metoo* (*#eutambém*, em português). A campanha, com início nas redes sociais digitais, irrompeu as plataformas e atingiu repercussão na mídia tradicional em todo o mundo todo. Mulheres vítimas de crimes sexuais passaram a relatar seus casos particulares em plataformas de redes sociais digitais. As revelações, lideradas por importantes figuras da cena artística e cinematográfica de Hollywood, tiveram início logo depois de uma série de denúncias contra o produtor Harvey Weinstein, acusado, condenado e preso por abusar sexualmente de muitas mulheres, que foi “cancelado”.

Os atos de cancelamento em série se tornaram corriqueiros e receberam contrapontos. Em julho de 2020, artistas, intelectuais e escritores de diversos países divulgaram uma carta aberta em oposição a esses agrupamentos de vigília e detração de indivíduos. “Uma carta sobre justiça e debate aberto”, apresentada na *Harper’s Magazine* (2020), pretendia dar luz ao choque democrático do processo. “[...] essa necessária prestação de contas também intensificou um novo conjunto de atitudes morais e engajamentos políticos que tendem a enfraquecer nossas normas de debate aberto e tolerância de diferenças, em favor da conformidade ideológica”, dizia o documento. Três dias depois, uma nova carta, produzida por jornalistas, escritores e ativistas contestando a própria publicação e o posicionamento dos autores anteriores:

[...] signatários, muitos deles brancos, ricos e dotados de plataformas enormes, argumentam que têm medo de ser silenciados, que a chamada cultura do cancelamento está fora de controle e que eles temem por seus empregos e pelo livre intercâmbio de ideias, ao mesmo tempo que se manifestam em uma das revistas de maior prestígio do país. [...] passam por cima do xis da questão: a ironia da carta aberta é que em nenhum lugar seus signatários mencionam como a gerações são silenciadas vozes marginalizadas no jornalismo, no mundo acadêmico e no setor editorial (The Objective, 2020).

A questão é que ninguém está imune a esse fenômeno. A forma como os debates sociais vêm se formando conta muito com a horizontalidade das hierarquias possibilitadas pelos canais digitais que se tornam ferramentas para a afirmação de políticas identitárias marginalizadas. Mas ideias de organização política, ideológica e representativa mudam de lugar e a essência das reivindicações lícitas e coerentes migra para um ambiente que nos parece mais obscuro, contagiante e voluntarioso, onde a provocação à exposição soa inquisitória. O fenômeno do cancelamento se vale de competências e recursos fornecidos pelas plataformas digitais para enterrar identidades e expressões, podendo levar à banalização do embate direto sem argumentação, possibilidade de defesa ou direito de resposta.

Em tempos de conectividade digital com relações cada vez mais mediadas por plataformas digitais, a subjetividade se forjará sob um discurso de uma vigilância normalizadora? Ou seria uma produção de discurso cada vez mais “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos” (Foucault, 1996 [1971]: 55). Han (2017) atualiza a reflexão, indicando como um imperativo essa disciplina:

A coação por exposição nos rouba, em última instância, nossa própria face; já não é possível ser sua própria face. Desse modo, a absolutização do valor expositivo se expressa como tirania da visibilidade. O problemático não é o aumento das imagens em si, mas a coação icônica para tornar-se imagem. Tudo deve tornar-se visível; o imperativo da transparência coloca em suspeita tudo o que não se submete à visibilidade. E é nisso que está seu poder e sua violência (Han, 2017: 35).

Não estamos fazendo juízo de valores sobre os temas alvo da cultura do cancelamento, tampouco sobre as manifestações. Nos ocorre, porém, neste momento, refletir se esta cultura, embora de manifestação coletiva, não seria forjada sobre a competitividade em um cenário de hiperindividualização. Um concorrencialismo social (Laval y Dardot, 2020) valorado e validado por indicadores numéricos de uma teoria de sucesso controverso, mas que na contemporaneidade constituem o capital social mais do que valores morais e éticos. É a pressão do desempenho (Han, 2015).

Pesos e medidas

Nesta pesquisa exploratória, elegemos dois casos distintos de cancelamento virtual. A história de J.K. Rowling, conhecida autora britânica da saga lúdica Harry Potter. E o caso de Emmanuel Cafferty, de 47 anos e filho de migrantes mexicanos, sem qualquer tipo de holofote, mas que sofreu consequências importantes na vida. Ao criar um universo de magia que mexeu com a imaginação de várias gerações, Rowling já vinha recebendo críticas por uma parcela dos fãs ao tratar de detalhes das tramas vistos como “desnecessários”. Mas ela atraiu a ira de muitos fãs ao redor do mundo por fazer, no Twitter, comentários considerados transfóbicos. Mesmo sendo apoiadora de movimentos filantrópicos e causas sociais –inclusive ligadas às defesas dos direitos dos LGBTQIA+⁶ a escritora se viu diante do “tribunal da internet” ao publicar mensagem em que defendia Maya Forstater, que havia perdido o emprego por se posicionar contra leis que permitiam pessoas trans se identificarem com outros gêneros. “Vista-se como quiser. Chame a si mesmo do jeito que preferir. Durma com qualquer adulto que puder consentir e quiser você. Viva a sua vida da melhor forma, em paz e em segurança. Mas tirar as mulheres de seus empregos por dizerem que sexo biológico é algo real?” [tradução nossa], proclamou em seu perfil na rede social digital (UOL, 2019).

Mesmo sob muitas críticas, Rowling manteve a posição e chegou a publicar em seu perfil uma foto na qual usava uma camiseta escrita “Essa bruxa não queima”, de uma marca que comercializa itens com estampas como “Ideologia trans invisibiliza mulheres”, “Transativismo é misoginia” e “Mulheres trans são homens” (Guia do Estudante, 2020). Não há registros de grandes prejuízos para a autora.

Já o quadro enfrentado por Emmanuel Cafferty, um desconhecido trabalhador de San Diego, na Califórnia, nos Estados Unidos, é diferente. Depois de uma longa jornada de trabalho em inspeções na rede subterrânea de gás e eletricidade, na volta para casa, com o braço para fora da caminhonete da empresa, estalava as juntas dos dedos da mão esquerda fazendo com que o polegar alongasse os demais em direção à palma da mão. Ao parar em um semáforo, um

⁶ Movimento político e social de inclusão de pessoas de diversas orientações sexuais e identidades de gênero: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgêneros, Queers, Intersexos, Assexuais e outros.



homem ao lado em outro carro gesticulava e gritava: "você vai continuar fazendo isso?" e, com o celular, tirou uma foto. Horas depois, receberia uma ligação de seu chefe informando que tinha sido acusado de racismo.

A imagem, registrada pelo desconhecido, ganhou as redes sociais digitais. Foi interpretada como aceno utilizado por supremacistas brancos e recebeu enorme repercussão pelo momento (BBC News Brasil, 2019). Uma semana antes, um homem negro e desarmado, George Floyd, tinha sido imobilizado e morto por um policial branco em Minneapolis, estado de Minnesota, nos Estados Unidos. A ocorrência gerou uma onda de protestos populares contra o preconceito racial no país. Com a amplitude da história, o autor da mensagem apagou a foto. Em cinco dias, Cafferty foi demitido do trabalho. "Foi assim que eu perdi o melhor emprego que já tive na vida", disse em entrevista ao veículo BBC. Com baixa escolaridade, o profissional recebia US\$ 41 por hora, o que representava o dobro dos ganhos em seu emprego anterior. Também perdeu plano de saúde e plano de aposentadoria. Julgado e sentenciado pela internet e por milhões de pessoas que sequer conhecem sua história, Cafferty aparentemente não consegue se recolocar no mercado de trabalho. Existe atualmente uma petição on-line –ou abaixo-assinado virtual– (change.org, 2021) para que a empresa devolva o emprego e limpe o nome do profissional.

Considerações finais

Pretendemos, com este trabalho, fazer uma primeira aproximação com o tema cultura do cancelamento, a partir da observação de casos que vêm acontecendo em nível global e de dois casos que elegemos por terem sido protagonizados por pessoas de diferentes representações sociais. Nesta abordagem foi possível localizar alguns aspectos dessas interações: ameaça à identidade, confronto de discursos, julgamento e sentenciamento em curto espaço de tempo, possibilidade de descontextualização das narrativas, prejuízos econômicos e/ou morais. Entendemos que o cancelamento mobiliza também o debate (próficuo ou não) sobre temas recorrentes na contemporaneidade: liberdade de expressão, discurso de ódio e lugar de fala.

Propulsionada por plataformas digitais e com critérios de seleção privados e desconhecidos, a cultura do cancelamento não está só suspendendo indivíduos, mas, antes de tudo, pode estar sufocando e invalidando o diálogo e o debate amplo, democrático e inclusivo. Ainda não é possível aferir com precisão as implicações desse modelo que vem se estabelecendo, mas, nessa batalha, o potencial de consequências nocivas e da banalização de lutas sociais é real.

Transformar a identidade e expressão de sujeitos, atualmente, independentemente de sua popularidade, resume-se a um único posicionamento. Pouco importa se havia um contexto, tampouco há espaço para a discussão sobre se tratar de um erro ocasional. Uma frase mal colocada ou suscetível a todo tipo de interpretação pode colocar em condição de impedido qualquer pessoa.

É plausível, ainda, questionar até que ponto podemos definir essas demonstrações como uma cultura. Se considerarmos que cultura remete à reflexão a partir de um tempo e contexto, as atitudes de quem adere a essas manifestações não parecem localizadas e, em muitos casos, não responde por uma racionalidade e se restringe a uma bolha específica de sociabilidade digital. Também é complexo demais determinar seu real alcance. Rastrear o início e mensurar especificamente o tamanho de um “cancelamento” nem sempre é viável, mesmo que consequências psicológicas e financeiras fiquem nítidas na vida do perseguido após o episódio.

No caso de sujeitos ditos notáveis, não há, até o momento, nenhuma comprovação –nem mesmo científica– que muitos dos abalados tenham perdido, de fato, reconhecimento ou respeito públicos para as grandes audiências que atingem. Os efeitos costumam ficar limitados a um ambiente mais reservado. Dados, por exemplo, sobre perda de contratos, prejuízos financeiros, em geral, são apenas comunicados, mas nunca se tem a certeza da oficialização da atitude ou do dano. Isto nos leva a questionar até que ponto declarar um indivíduo como cancelado ou incentivar o boicote a esse sujeito verdadeiramente surte algum tipo de efeito real. Curiosamente, as consequências do cancelamento tendem a ser privadas e não há também uma continuidade da avaliação sobre os efeitos do processo.

Para além disso, se a proposta é cancelar o sujeito, portanto levá-lo ao ostracismo público ou exílio, qual é o resultado quando há um direcionamento de massas e hordas coletivas opositoras, jogando holofotes sobre o indivíduo?

Iniciativas do gênero podem e costumam até mesmo ampliar a visibilidade não só do indivíduo, mas do pensamento que ele representa.

É preciso separar ou iniciar um processo de classificação do cancelamento? A garantia de liberdade de expressão muitas vezes se confunde com o direito de atacar lutas identitárias e por direitos humanos e representatividade. O debate público, liberal, progressista é sufocado porque os indivíduos, sentindo-se compelidos, hesitam entrar nas conversas por temerem ser cancelados por suas opiniões. Em busca de aceitação podem também simplesmente substituir suas próprias crenças, convicções e verdades por teorias e concepções do outro e agrupamentos em geral. Talvez, uma saída esteja em ampliar a análise sobre essas manifestações, para e por fora das redes digitais.

Referências bibliográficas

Aranha, G. (2014). Flaming e cyberbullying: o lado negro das novas mídias. *C-Legenda*, núm. 31, pp. 122-133. Brasil: PPGCA, Universidade Federal Fluminense. En línea: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36968>

BBC News Brasil. (2019). “Cultura do cancelamento”: o que é “sinal de OK” que fez homem perder emprego. British Broadcasting Corporation. En línea: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53554306> Consultado en marzo 2021.

Castells, M. (2013). *Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da Internet*. São Paulo: Zahar.

change.org. (2021). Reinstate Emmanuel Caffertys job @ SDGE. En línea: <https://www.change.org/p/sdge-reinstate-emmanuel-caffertys-job-sdge>. Consultado en marzo 2021.

Dardot, P. y Laval, C. (2017). *A nova razão do mundo*. São Paulo: Boitempo Editorial.

De Certeau, M. (2014 [1979]). *A invenção do cotidiano I: as artes do fazer*. Petrópolis: Vozes.

Debert, G. G. (2004). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

Debord, G. (2007 [1967]). *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Dicionário Online de Português. (2021). *Significado de Cancelado*. En línea: <https://www.dicio.com.br/cancelado/> Consultado en marzo 2021.

Foucault, M. (1996 [1971]). *A ordem do discurso*. Rio de Janeiro: Edições Loyola.

Guia do Estudante. (2021). *Cancelamento: fãs não sabem como lidar com a autora de Harry Potter*. Brasil: Grupo Abril Mídia. En línea: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/cultura-de-cancelamento-j-k-rowling/> Consultado en marzo 2021.

Han, B. C. (2015). *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes.

Han, B. C. (2017). *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Editora Vozes.

Harper's Magazine. (2021). A letter on justice and open debate. Estados Unidos: Harper's Foundation. En línea: <https://harpers.org/a-letter-on-justice-and-open-debate> Consultado en marzo 2021.

Hooks, A. M. (2020). *Cancel culture: posthuman hauntologies in digital rhetoric and the latent values of virtual community networks*. Tesis de Maestría en Artes, Facultad de Artes y Ciencias, Universidad de Tennessee en Chattanooga. Estados Unidos. En línea: <https://scholar.utc.edu/theses/669/>

Lanier, J. (2018). *Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais*. Rio de Janeiro: Intrínseca.

Le Bon, G. (2016). *Psicologia das multidões*. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Macquarie Dictionary. (2019). *Cultura do cancelamento*. Australia. En línea: <https://www.macquariedictionary.com.au/resources/view/word/of/the/year/2019> Consultado en marzo 2021.

Norris, P. (2020). Closed minds? Is a "cancel culture" stifling academic freedom and intellectual debate in political science? *HKS Working Paper*, núm. RWP20-025. Estados Unidos: Kennedy School of Government, Harvard University. En línea: <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3671026> Consultado en marzo 2021.

O'Sullivan, P. y Flanagin, A. (2003). Reconceptualizing "flaming" and other problematic messages. *New Media & Society*, vol. 5(1), pp. 69-94. Estados Unidos: Sage Journals.

Pariser, E. (2012). *O filtro invisível: O que a internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar.

Preciado, P. (2018 [2008]). *Testo junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 Edições.

Ronson, J. (2018). *Humilhado: Como a era da internet mudou o julgamento público*. São Paulo: Editora Best Seller / Grupo Editorial Record.



Sibilia, P. (2016). *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

The Objective. (2020). *A more specific letter on justice and open debate*. Estados Unidos. En línea: <https://theobjective.substack.com/p/a-more-specific-letter-on-justice> Consultado en marzo 2021.

We Are Social and Hootsuite. (2021). *Relatório anual dos mercados de digital, mobilidade e redes sociais digitais*. En línea: <https://wearesocial.com/digital-2020> Consultado en marzo 2021.

UOL. (2019). *J. K. Rowling é acusada de transfobia após se posicionar sobre polêmica*. En línea: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/12/19/j-k-rowling-e-acusada-de-transfobia-apos-se-posicionar-sobre-polemica.htm> Consultado en marzo 2021.

Ziccardi, G. (2016). *L'odio online*. Italia: Raffaello Cortina.

Sobre les autores

TERESA MARY PIRES DE CASTRO MELO es docente asociada del Departamento de Ciências Humanas e Educação (DCHE) y del Programa de Pós-Graduação em Educação de la Universidade Federal de São Carlos (PPGECH). Es Mestre y Doctora en Ciencias de la Comunicación por la Universidade de São Paulo. Dirige el Núcleo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia, Cultura e Sociedade (NEPeTeCS / UFSCAR).

EDUARDO GOMES VASQUES es Mestrando del Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana de la Universidade Federal de São Carlos (PPGECH/CCHB/UFSCAR), Campus Sorocaba. Pesquisador del Núcleo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia, Cultura e Sociedade de la Universidade Federal de São Carlos (NEPeTeCS / UFSCAR).